

CONCEPÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA CONSTRUÍDAS A PARTIR DE UMA OBRA CINEMATOGRAFICA SOBRE SÍNDROME DE TOURETTE

Kleyton José da Silva¹; Victoria Feijó Canales²; Júlia Albuquerque Almeida³;
Juliana Ferreira Gomes da Silva⁴

*Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Pernambuco,
kslaffer@gmail.com¹; v.feijo.canales@gmail.com²; julia.albuquerque.jubs@gmail.com³;
julianafgs@yahoo.com.br⁴*

Resumo: O presente trabalho trata da análise do filme ‘O Primeiro da Classe’ a partir do embasamento teórico oriundo das discussões sobre Psicologia e Educação Inclusiva. O filme retrata a história real de vida de Brad Cohen, um jovem norte-americano que apresenta a Síndrome de Tourette. Durante sua infância, Brad conviveu com a Síndrome sem que houvesse um diagnóstico, o que lhe causou grande desconforto e dificuldades na vida escolar, pois o corpo docente e estudantil não o respeitava, praticando represálias e *bullying* quando o mesmo era acometido pelos tiques sonoros e musculares característicos da Síndrome. É possível observar o seu desenvolvimento pessoal e profissional ao longo dos anos, bem como seus desafios e modos de enfrentamento. Como metodologia, foram selecionados trechos do filme que suscitam o diálogo direto com o paradigma da inclusão, sobretudo ao que concerne à educação inclusiva, levando em consideração alguns aspectos da legislação brasileira que puderam ser associados e as construções teóricas que fomentam a discussão da inclusão na sociedade contemporânea. Como trata-se de uma história real, acredita-se que tal análise possa levantar discussões pertinentes e aplicáveis ao cotidiano escolar de crianças em situação semelhante.

Palavras-chave: Síndrome de Tourette, Educação Inclusiva, Ensino, Psicologia.

INTRODUÇÃO

Segundo Hounie e Petribú (1999), a Síndrome de Tourette é um distúrbio neuropsiquiátrico sem cura, caracterizada pela presença de múltiplos tiques motores e ao menos um tique vocal, presente em algum momento durante a doença. Os tiques costumam ocorrer diversas vezes ao longo do dia, com frequência e intensidade variáveis. Para o diagnóstico são observadas algumas questões como, por exemplo, a frequência dos tiques, que podem estar presentes em todos os dias ou em momentos alternados. Além disso, os comportamentos costumam aparecer antes dos dezoito anos de idade e devem ter ocorrido por pelo menos um ano para que sejam diagnosticados como Síndrome de Tourette. Também é importante observar se há períodos maiores que três meses sem aparição dos tiques para fins de diagnóstico.

Os indivíduos portadores da Síndrome de Tourette podem apresentar sofrimento ou prejuízo significativo nas relações sociais, seja no âmbito familiar, escolar, ocupacional, ou mesmo no estabelecimento e na manutenção de relacionamentos afetivos (HOUNIE; PETRIBÚ, 1999). Brad Cohen, cuja biografia inspirou

o filme que analisamos, “O Primeiro da Classe” (2008), não foi exceção nesse aspecto. Desde a infância, Brad sofreu com a humilhação de professores e alunos na escola devido a seus tiques. Em casa, seu pai também não o aceitava, dizendo que seu comportamento era indevido e deveria ser controlado.

A importância de um diagnóstico correto é evidente à medida que o filme avança. Estando a mãe de Brad determinada a descobrir o que o filho tinha, diversos médicos e livros foram consultados, e nenhum dos profissionais ofereceu uma resposta satisfatória até que, em suas pesquisas a livros de Medicina, a mãe do protagonista descobre a Síndrome de Tourette. Como resultado desse esforço materno, Brad Cohen foi diagnosticado aos 6 anos de idade, e a partir daí ele passa a entender melhor a sua condição, além de conhecer e lutar em defesa por seus direitos.

A deficiência, seja ela física ou intelectual, existe em sua pluralidade em todas as culturas desde o início da história da humanidade, mas são sempre os contextos histórico e temporal que determinam como cada tipo de deficiência será entendida socialmente (PACHECO; ALVES, 2007). Ao longo de nossa história, passamos por diferentes concepções, do paradigma da marginalização para o assistencialismo, da integração para a inclusão. Segundo as autoras, as pessoas com deficiência foram gradualmente sendo inseridas em nossa sociedade, mas até o paradigma da integração, não de forma propriamente dita. Por exemplo, com o paradigma da integração, foi proposto que crianças com deficiência frequentassem as mesmas escolas que crianças que não as tivessem. Mas com qual cuidado essas crianças eram inseridas nesses espaços? Havia um olhar diferenciado para as necessidades específicas que essa criança carregava? Havia algum trabalho direcionado e adaptado para este público? Ainda não. O que observamos foi a criação de salas especiais para aqueles que tivessem qualquer deficiência, transtorno de desenvolvimento ou dificuldade em se concentrar e acompanhar as aulas. Com o tempo, esse modo de operar foi sendo posto em xeque por pessoas e profissionais que acreditavam que deveria ser feito mais.

O paradigma da inclusão surge, então, com uma proposta de escola que se adapte inteiramente para atender pessoas com ou sem deficiência. Seus adeptos, aliás, entendem que deve ser pensada uma inclusão social; que os indivíduos devem ter acesso a outros espaços para além da escola, podendo desenvolver todos os aspectos de sua vida em sociedade, como, por exemplo o lazer e o trabalho. Para uma verdadeira inclusão, é necessário (re)educar o meio, as pessoas e a comunidade (PACHECO; ALVES, 2007; SASSAKI, 2009). Portanto, trata-se de um trabalho coletivo, que deve envolver toda a comunidade em que o indivíduo está inserido,

incluindo família e escola, para que a criança consiga encontrar caminhos alternativos que a permitam viver bem e em sociedade (VYGOTSKY, 2011).

A obra cinematográfica “O Primeiro da Classe” (2008) suscita reflexões sobre como o paradigma da inclusão e a própria educação inclusiva vêm se moldando e se apresentando nos dias atuais. Assim se construiu o objetivo deste trabalho, analisar a história retratada no filme, a partir de leituras teóricas que tratam da inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais no ensino regular, olhando a inclusão para além da escola e da legislação nacional existente.

METODOLOGIA

O presente estudo teve origem a partir de uma atividade proposta no componente curricular Psicologia e Educação Inclusiva do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. A proposta da atividade foi desenvolver uma análise crítica a partir de uma obra cinematográfica, tomando como fundamentação o conteúdo teórico trabalhado na disciplina. O filme “O Primeiro da Classe” foi escolhido pelo grupo, que acompanhou a trama de Brad Cohen atento não só às limitações do modelo hegemônico de ensino apresentado na primeira parte do filme, mas também atento às estratégias de inclusão apresentadas. Assim, observando as dificuldades enfrentadas pelo personagem ao longo da sua formação e, posteriormente, as barreiras que encontrou para exercer sua atividade profissional, seria possível refletir acerca dos elementos que constituem uma prática inclusiva na escola e na vida.

Inicialmente, as produções foram realizadas de maneira individual. Em seguida, as reflexões foram compartilhadas e novas discussões foram feitas com intuito de compreender as consonâncias que possuíam, bem como as concepções distintas. Dialogar em grupo sobre essas questões configurou-se como um momento enriquecedor de aprendizado e, a partir desta atividade, relações entre o conhecimento teórico e sua aplicabilidade puderam ser levantadas. Por fim, do diálogo entre as três produções foi elaborado o presente trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão que será apresentada a seguir está organizada de maneira que temas relevantes à educação inclusiva sejam refletidos a partir de situações expostas no filme. Dentre as questões que nos conduziram na elaboração deste trabalho, estão: (i) a importância do diagnóstico, ou seja, a importância de conhecer a natureza da dificuldade da criança/adolescente, para que encaminhamentos

pedagógicos e psicológicos possam ser feitos; (ii) o preconceito direcionado à pessoa em condição especial de ensino, que pode provocar prejuízos duradouros em sua autoestima e imagem pessoal; (iii) o desenvolvimento cultural como impulsionador de processos de aprendizagem; (iv) a inserção de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.

“O Primeiro da Classe” (2008) é uma narrativa biográfica não linear de Brad Cohen, e tem seu início na infância dele. Então sem diagnóstico, ele é repreendido por alunos e professores, dentro da escola, e ainda por seu pai, fora dela. Essas pessoas não entendem o que acontece com Brad, e qualificam seus tiques como mau comportamento, exigindo, a todo momento, que ele invista em seu autocontrole. Brad não podia frequentar bibliotecas, nem ir a cinemas ou clubes, pois sempre havia alguém que se incomodava com os sons emitidos por ele, sendo necessário que se retirasse do ambiente. A mãe de Brad é a pessoa mais empenhada em entender o que está acontecendo com o menino, disposta a acreditar nele quando diz que não consegue controlar os ruídos nem os movimentos repetidos, buscando respostas entre psicólogos e psiquiatras, mesmo que nenhum dos consultados tenha diagnosticado o real motivo. Persistindo, através de pesquisas em livros médicos disponíveis em bibliotecas, a mãe de Brad finalmente consegue compreender o quadro clínico do filho e encaminhá-lo para um diagnóstico.

Considerando o direito ao desenvolvimento pleno de toda e qualquer criança e adolescente, tendo em vista aquelas que necessitam de condições especializadas, vemos na legislação brasileira a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que estabelece em seu segundo artigo:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015, p. 1).

A sanção dessa lei prevê o tratamento igualitário para as pessoas que compõem a sociedade, “com direito à igualdade de oportunidades” e “proteção de toda forma de negligência, discriminação, crueldade e tratamento desumano” (BRASIL, 2015, p. 3). Sobre a caracterização da pessoa com deficiência, a Lei incide sobre o procedimento para diagnóstico: “quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar” (BRASIL, 2015, p. 1). Em âmbito universal, a Conferência Mundial de Educação Especial (Declaração de Salamanca) em 1994, retrata o compromisso das Nações em promover uma “educação para todos, reconhecendo a

necessidade e urgência de providenciar a educação para as crianças, os jovens e os adultos com necessidades educacionais especiais” (UNESCO, 1994, p. 1).

É preciso conhecer para compreender, para promover inclusão. No caso de Brad, o desconhecimento e a falta de informação sobre a Síndrome de Tourette foram as principais fontes de tormento para ele e para as pessoas que com ele conviviam. Também a constante negação de que ele tinha uma condição que demandava atenção e recursos especiais dificultou sua inclusão na escola em que estudou durante a primeira parte de sua vida, além de desprover Brad de seus direitos a um diagnóstico correto e a um tratamento atencioso e inclusivo perante toda a comunidade escolar e de ter o acompanhamento interdisciplinar adequado que o permitisse desenvolver-se plena e tranquilamente na esfera educacional.

As relações interpessoais de Brad são diretamente afetadas por seus comportamentos tão recriminados. Ele acaba por não criar vínculos afetivos fortes na escola, sofrendo discriminação, humilhações e *bullying*, ações que devem ser inexistentes de acordo com a redação da Lei 13.146. Em relação a esse aspecto, o preconceito direcionado a pessoa com deficiência pode gerar sentimentos de baixa autoestima, dificuldades nas relações afetivas e sociais, danificando a qualidade de vida dessas pessoas (PACHECO; ALVES, 2007).

Uma nova fase começa quando é confirmado o diagnóstico da Síndrome de Tourette. A partir de então, começa a ser prioridade para a família pensar formas de conviver com o diagnóstico, e por isso a mãe de Brad o acompanha em uma reunião para pessoas com Tourette, no intuito de “aprender a viver com isso”. Quando Brad vê as pessoas que participam da reunião, se espanta. Nunca tinha visto outras pessoas com Tourette antes, e lamenta perceber que nenhum daqueles presentes tentava ser aceito, pareciam conformados em esconder-se, para evitar a exposição ao ridículo pela qual o próprio Brad já tinha passado na escola. O momento é decisivo para o protagonista: vendo aqueles adultos que não trabalhavam e aqueles jovens que não iam para a escola, decide que não seria como eles, que não se tornaria refém de seu diagnóstico. E diz à mãe: “Eles deixaram a Tourette vencer. Não vai acontecer comigo”. (O PRIMEIRO..., 2008).

Essa passagem do filme nos faz refletir sobre as duas faces controversas do diagnóstico. Se por um lado o diagnóstico permite compreender a natureza da dificuldade e, portanto, pensar modos alternativos para compensá-la, por outro, o diagnóstico pode enquadrar o indivíduo em um rótulo de incapacidade e desvalia. Isto é, uma vez que a dificuldade é respaldada por uma determinada síndrome, transtorno ou deficiência, pode gerar o pensamento equivocado de que investir pedagogicamente, socialmente e até

emocionalmente em alguém com um “mau funcionamento” não vale a pena, o tempo, o dinheiro e o esforço que custa.

É nesta direção que Vygotsky (2011) traz uma grande contribuição para o entendimento do desenvolvimento atípico. Segundo o teórico, as crianças tomam caminhos indiretos que as conduzam ao cumprimento de suas tarefas quando seus recursos diretos se mostram insuficientes. Desta forma, uma criança com Síndrome de Tourette, por exemplo, poderia pensar formas de lidar com os sintomas que tornem sua rotina cotidiana mais confortável. Nesse movimento, o apoio dos outros é fundamental, porque diz respeito ao desenvolvimento cultural dessa criança. A sociedade parece ainda não entender a dimensão de seu papel educativo, mas ela reestrutura a forma de pensar da criança, refazendo e complexificando aquele que seria o seu raciocínio natural. Sendo assim, é imprescindível que a sociedade ofereça suporte à criança com deficiência, estimulando-a a buscar novas formas culturais de comportamento.

Desenvolvimento biológico e desenvolvimento cultural se dão a partir de um processo dialético, em que um não supera o outro, mas ambos estão em constante diálogo. É a partir desse diálogo que desenvolvemos as formas culturais, que “consistem na criação de caminhos indiretos de desenvolvimento onde este resulta impossível por caminhos diretos” (VYGOTSKY, 2011, p. 868). As formas culturais de comportamento existem porque somos capazes de desenvolver habilidades frente a necessidades que não desenvolveríamos se estas mesmas necessidades não existissem, e são, de acordo com o autor, o único caminho para a educação de crianças com deficiência, pois pode rearranjar o seu funcionamento.

Pode-se perceber, portanto, que o paradigma da inclusão nos permite pensar sobre a importância de uma inclusão global do indivíduo com deficiência, ou seja, uma inclusão que se estenderia para além do âmbito escolar (SASSAKI, 2009). O desejo de Brad de permanecer na escola, de tornar-se professor, aprendendo a lidar com a sua condição, o impulsiona à frente e corresponde a um desejo de ocupar espaços físicos e sociais que são ocupados pelas demais pessoas. Fazer isso sozinho, porém, não poderia ser fácil.

Segundo Machado (2004), a inclusão trata-se de um trabalho em conjunto. Assim, garantir uma inclusão eficiente seria responsabilidade de toda escola, desde os professores, psicólogos e pedagogos até os funcionários encarregados da manutenção do espaço físico da instituição, que teriam contato com as crianças para além do espaço de sala de aula. A inclusão deve ser feita de forma interdisciplinar, levando em conta os variados tipos de relação das crianças entre si, delas com os funcionários da instituição e mesmo delas com as pessoas que as acompanham em casa.

Todas as relações da criança, tenha ela alguma deficiência ou não, são importantes e devem ser pensadas para entender como está acontecendo a sua inclusão na escola, em casa e em sociedade. É necessário que o esforço para que cada criança esteja bem inserida na sociedade seja coletivo, que provenha de uma articulação entre escola, família e comunidade.

De acordo com Machado (2004, p. 6) a prática inclusiva é um princípio da educação pública, configurada para ser uma “educação para todos, para cada um, para qualquer um”. Apesar de observarmos ao longo do filme o despreparo da escola para incluir um estudante com síndrome de Tourette, há cenas que indicam meios para que este objetivo seja atingido - uma delas é a seguinte: após um evento musical, o diretor da escola convida Brad para que suba ao palco e explique por que não cessou de fazer barulhos durante o concerto ao qual tinham acabado de assistir. No diálogo entre o diretor e o protagonista diante da comunidade escolar, Brad diz “Quando me aceitam como sou, não é tão ruim [os tiques]”, o diretor pergunta “O que podemos fazer? E me refiro a todos nessa escola. Como podemos te ajudar?”, Brad responde “Só quero ser tratado igual a todo mundo” (O PRIMEIRO..., 2008). Esta cena, por exemplo, indica que um caminho possível para desmistificar o que é diferente é conversar sobre isso. Quando o diretor dá oportunidade para que Brad explique o que é a síndrome, como ele se sente, como não tem controle sobre os tiques, há compreensão por parte dos outros estudantes e professores sobre o caso, o que favorece as relações e gera empatia e compreensão.

A partir desse diálogo, em que Brad expõe e explica a sua condição, ele passa a contar com o apoio da escola, além do apoio de sua família, sendo um marco decisivo no desenvolvimento do jovem. Como dito por Machado (2004, p. 11), “quando nossas dores afetam os outros, se deslocam do aprisionamento do nosso corpo”. Assim, ele recebe mais estímulos para traçar caminhos alternativos que o conduziram ao cumprimento de suas tarefas, sabendo lidar com suas limitações, que não são mais encaradas simplesmente como falhas ou faltas, mas também como um potencial de impulsioná-lo para a realização de seus projetos. Deve-se assumir, afinal, que a criança com deficiência não é simplesmente falta, falha ou perda; é estratégia, é pensar indiretamente, é buscar outras formas possíveis para o seu bom desenvolvimento (VYGOTSKY, 2011).

É evidente o papel desempenhado pela escola na formação de crianças e adolescentes, não somente na esfera cognitiva, mas também na social, pois a instituição deve ressaltar a importância de viver em comunidade, de respeitar e conviver com as diferenças, de elevar o conhecimento sobre a vida humana. Cabe salientar o posicionamento do diretor em tornar a singularidade de Brad compreensível para toda a comunidade escolar, retirando do sujeito o peso de ser

individualizado com a redução de sua condição como problema exclusivamente dele. Como tratado por Machado (2004), inclusão não se representa por inserir a criança e adolescente em classe regular, mas configura-se quando é devolvido ao coletivo o que foi concebido como problema exclusivo do sujeito.

Outra reflexão presente no filme se refere à passagem da “situação problemática” para outra instância, processo contemplado por Machado (2004). Quando os professores não sabiam como lidar com o comportamento de Brad, viam como solução encaminhá-lo à direção e convocar a mãe dele, novamente, transformando a deficiência em um problema do sujeito e do seu responsável, que deve remediar a situação e apresentar um sujeito com comportamentos melhorados. Essa relação de convocar os responsáveis e culpabilizá-los, também gera sentimentos negativos no sujeito, elevando o estigma do problema e adicionando sentimento de impotência.

Vale ressaltar que o desejo de Brad em ser “tratado igual a todo mundo” não deve ser entendido simplesmente como “igualitar” o seu corpo e arremessá-lo ao contexto regular de ensino. Faz-se necessário desenvolver mecanismos para assegurar a permanência e desenvolvimento completo da criança e do adolescente, considerando suas necessidades especiais em consonância com suas características biopsicossociais. É dever da escola fornecer meios de amplitude interior para que o sujeito se inspire e possa acreditar na capacidade de ser próspero no futuro. Esse ponto é trazido na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) quando é sugerida a presença de pessoas portadoras de deficiência que são bem-sucedidas nas escolas - além de na nossa sociedade, de forma mais geral -, permitindo que os sujeitos se inspirem e planejem de forma consciente, com aspirações baseadas em expectativas reais, não se eximindo da possibilidade de auxiliar jovens em formação a sugerir alterações nas estruturas do sistema de educação inclusiva atual. Isso possibilita a ideia de se tornar uma pessoa satisfeita, que se sente realizada com aquilo que construiu em sua vida, um símbolo de sucesso.

Como dito anteriormente, a narrativa do filme não é linear, mas acompanha Brad Cohen em sua trajetória até a vida adulta, formado enquanto pedagogo e buscando um emprego. Ele está determinado a ser um professor diferente, que faça o possível para que os alunos aprendam, não importando as suas diferenças, e enquanto vinte e quatro instituições, com características da educação tradicional, fecharam as suas portas por acreditar que seus alunos não saberiam lidar com um professor com a Síndrome de Tourette, uma delas adota uma outra postura. Para o diretor da instituição, é essencial ensinar às crianças que não devem deixar que nada as detenha, que devem lutar para realizar seus sonhos, e mais ainda do que falar sobre isso, é importante que a

própria escola faça acontecer. Esta passagem do filme ressalta como é importante que pessoas com deficiência estejam inseridas também em ambientes de trabalho. É preciso criar representatividade. É preciso mostrar que é possível ter uma vida ativa, autônoma e independente. Quantas escolas possuem, em seu quadro de funcionários, alguém com deficiência? Por isso, a contratação de Brad é revolucionária. Brad adota o paradigma da inclusão em sua prática profissional, olhando cada estudante em sua particularidade, planejando suas aulas de forma a se adequar à realidade da turma. Além de ser um exemplo para os estudantes de que mesmo com dificuldade é possível aprender, Brad demonstra que vivenciar tais situações o tornou um professor mais sensível às demandas dos estudantes.

Ao fim do ano letivo, Brad é premiado como professor revelação do estado de Georgia, Estados Unidos da América. Em seu discurso, ele dedica o prêmio à Síndrome de Tourette, referindo-a como “a mais severa e dedicada professora” que já teve: “A Tourette me ensinou a lição mais importante de todas: nunca desistir de alcançar seus sonhos, seja trabalhar, jogar, encontrar um amor...” (O PRIMEIRO..., 2008). Sua reflexão converge com o que foi proposto por Vygotsky (2011), visto que Brad Cohen encarou seu diagnóstico para além de uma limitação, denotando um sentido de oportunidade para traçar novas rotas, novos caminhos, que, por mais que desafiassem os modelos preexistentes de ser e pensar, o faziam ser quem ele era, e o levou a alcançar os seus objetivos.

A inclusão social é recente, mas traz consigo a possibilidade de a sociedade modificar as relações entre as pessoas, criar e manter práticas interativas, e promover o alcance aos níveis mais elevados dos estudos. Apesar das dificuldades conferidas pela Síndrome de Tourette para o desenvolvimento escolar, Brad conseguiu concluir a educação básica, realizar uma graduação e um mestrado, ao passo que adentrou ao mercado de trabalho com a intenção de se tornar um professor diferente daqueles que participaram da sua vida escolar. Brad, como profissional, se determina a realizar o verdadeiro compromisso de ser professor, através da reflexão de uma educação para todos, pautada em estudos específicos, prática pedagógica inclusiva situando e refletindo sobre as condições que o contexto socio-temporal permitir (HANSEL; ZYCH; GODOY, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhar a história de vida de Brad Cohen no filme “O Primeiro da Classe” (2008) nos faz refletir sobre questões importantes relativas à inclusão de modo geral. Essa história é vivenciada por milhares de pessoas, possuidoras de

diferentes condições especiais, visto que, ainda que asseguradas por leis, se sentem desamparadas e incapazes de se desenvolver plenamente em sociedade. A ignorância ainda é a maior barreira enfrentada pelos portadores de necessidades especiais, pois a sociedade, desconhecendo ou negligenciando a singularidade do outro e acreditando que o problema é apenas de quem possui a condição, cai num mecanismo de projeção de fracassos e insucessos, propagando estigmas, sofrimento e desolação para essas pessoas já fragilizadas. As limitações de cada tipo de deficiência são conhecidas por quem tem de conviver com elas, por seu portador, e são específicas, mas as limitações impostas pelo meio social, resultantes do preconceito, do estigma e do medo podem e devem ser erradicadas. Esse último tipo de deficiência gera negatividade e pensamentos de impotência, de que não há o que fazer e que a realidade consiste apenas na aceitação de viver preso à deficiência.

Para Brad Cohen, a persistência de sua mãe em encontrar uma explicação plausível para seu comportamento legitimou sua condição de sujeito para além de seu comportamento tão dura e frequentemente reprimido. Assim, ele pôde falar sobre sua condição, explicando como funciona a Síndrome de Tourette, conscientizando pessoas e buscando por sua inclusão em sociedade. De grande importância também foi a figura do diretor que permitiu que a voz de Brad fosse ouvida pelo coletivo de pais, estudantes e professores. Brad pôde difundir, frente à comunidade escolar, informações sobre a Síndrome de Tourette, dando também o seu testemunho enquanto pessoa com deficiência, e a problemática deixou de ser individualizada no sujeito, passando a ser trabalhada por todos, respeitando e preservando os direitos assegurados daqueles que necessitam de condições especiais, não somente para a educação, mas para uma vida plena.

Sabemos que a inclusão é um fim para o qual todos devemos nos empenhar, mas é na escola que surgem as maiores demandas nesse sentido. A comunidade escolar é a principal esfera social de estudantes em uma fase tão importante do desenvolvimento de crianças e adolescentes. É nessa esfera humana que o trabalho de base ocorre, auxiliando os portadores de necessidades especiais a se conhecerem e se entenderem como seres de possibilidades. Reconhecendo-se como seres de possibilidade, crianças com deficiência passam a encarar a si mesmas de forma mais positiva, e podem desenvolver-se com uma melhor qualidade de vida, mais saudáveis no que tange à sua autoestima, entendendo que é possível sonhar e realizar, como Brad Cohen sonhou e realizou, sendo um educador exemplar a difundir a educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 06 de jul. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 10 ago. 2018.

HANSEL, Ana F.; ZYCH, Anizia C.; GODOY, Miriam A. B. **Fundamentos da Educação Inclusiva**. Paraná: Gráfica Unicentro, 2014.

HOUNIE, Ana; PETRIBÚ, Kátia. Síndrome de Tourette – revisão bibliográfica e relato de casos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 50-63, 1999.

MACHADO, Adriana M. **Educação Inclusiva: de quem e de quais práticas estamos falando?** (Sessão especial na ANPED: “Ética, subjetividade e formação docente: políticas de inclusão em questão”), 2004.

O PRIMEIRO da classe. Direção: Peter Werner. Produção: Andrew Gottlieb e Cameron Johann. Louisiana (EUA): Hallmark Hall of Fame Productions: McGee Street Productions, 2008. 1 DVD (95 min.), son., color. Legendado. Título Original: Front of the Class.

PACHECO, Kátia M. D.; ALVES, Vera L. R. A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 242-248, ago. 2007.

SASSAKI, Romeu K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, p. 10-16, mar./abr. 2009.

VYGOTSKY, Lev S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.

UNESCO. **Declaração de Salamanca: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Salamanca (ES): 1994.